

doze
TIAGO FEIJÓ
dias

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

Para meu pai, com todo o amor possível.

Em memória de Josemar Afonso de Andrade Martins,
que me permitiu o caminho dos livros,
onde me encontro até hoje deliciosamente perdido.

“Eu não falo de vingança nem de perdão,
o esquecimento é a única vingança e o único perdão.”

JORGE LUIS BORGES

1 SÉTIMO DIA

O QUE SE NARRARÁ ADIANTE bem poderia ter sido um sonho. O filho mesmo, que ainda dorme como um feto no apoucado espaço desta poltrona de hospital, quando acordar, não saberá ao certo se acordou para a vida ou para um sonho. Vagaroso, tardará um bom tempo até se dar conta de que o ar que respira está carregado do conhecido cheiro de hospital que o persegue há dias, que o toque das suas mãos no ombro do doente lhe comunica a realidade tátil esperada de um toque em acordado, que o som das palavras absurdas proferidas pelo enfermo é tão nítido quanto o som das palavras verdadeiramente pronunciadas, que as gotas de sangue que salpicam o chão ao redor do pai são também vermelhas, como vermelho é o sangue de todo homem. Diante desta realidade tão facilmente detectável, Antônio concluirá, ainda letárgico, que aquilo, não sendo um sonho, é mesmo a realidade deste instante, como são igualmente reais os sete dias em que já estão neste hospital.

Mas não aceleremos os passos, não adiantemos os fatos. Afinal, Antônio ainda dorme apagado no cansaço, esquecido

num fundo escuro de sonho, e por isso não ouve quando o pai desperta acossado por uma pontada de dor que lateja na sua nádega esquerda. Desperta pelo meio da madrugada, quatro e dezesseis da manhã, para não pecar em pontualidade. Acorda e tenta se levantar. A princípio não consegue, são muitos os empecilhos que o impedem. O maior de todos é a sua falta de força, a exaustão do seu estado. Mas o intuito é se erguer, pôr-se de pé e andar, e ele o fará a qualquer custo.

Começa por retirar a máscara de oxigênio; em seguida, vai descolando os sensores de batimento cardíaco que monitoram o velho coração que bate, bate, bate, sem saber até quando, sem saber o porquê de bater até então, como todo o coração vivo. Até aqui a tarefa foi de todo fácil, de agora em diante topará o senhor Raul com obstáculos que lhe exigirão maior coragem, visto que este homem tem medo, um medo desconhecido e todo novo que o acompanha há sete dias, desde que entrou neste hospital, amparado nos braços do filho.

Num só puxão, ele arranca do braço o acesso responsável por lhe introjetar nas veias duas diferentes drogas e o soro. Não se importa com a dor desta violação, o que o preocupa é saber que este acesso foi conquistado a duras penas, já que a sua veia tem por hábito escapar teimosamente da destreza das enfermeiras, e ele desconfia que, caso tenha que se estender novamente nesta maca e dar o braço a um novo acesso, não serão poucas as malogradas picadas que receberá até que finalmente consigam domar a rebeldia da sua veia bailarina.

Agora, desvencilhado destes apetrechos que o prendiam à laia de frouxas algemas, o doente só tem que dar um jeito de

se retirar da maca utilizando um mínimo de força, posto que a sua força anda no mínimo. E, para isso, ele se põe a deslizar, cuidadoso, para um dos lados, lado aliás em que dorme Antônio, espremido na estreiteza da poltrona.

Não é pouca a energia que despense o doente neste seu mover-se, estupenda é a sua perseverança no exercício desta tarefa tamanha, cercada de riscos dolorosos. À borda da maca, adiantado no seu intuito, o homem agora solta as pernas no vazio e tenta tatear o chão com as pontas dos pés. O que talvez ele não saiba, ou saiba mas não se recorde, é que o seu corpo ainda está atado ao leito por meio de uma sonda que lhe penetra pelo buraco da uretra e que se liga a uma bolsa pendurada à lateral da maca. E, assim, quando ele finalmente fincar os pés no chão, a sonda escapará da sua uretra e despejará pelo piso uma urina alaranjada e malcheirosa, envenenada pelas drogas que há sete dias lhe ministram. Mas isso não o apoquentará. Tanto é que, ao sentir sob os pés a firmeza do chão, o enfermo, inclinado sobre o cotovelo, dá o derradeiro impulso e se coloca miraculosamente de pé, bambo sobre os calcanhares, mas de pé.

Só então se dá conta da sua grotesca nudez, e se lembra afinal que já vinha estando nu há seis dias, desde que voltara do centro cirúrgico. Repara também que o avental, utilizado como faixa para esconder as suas partes dos olhos pasmos das enfermeiras, está caído no chão, bordejando uma pequena poça alaranjada que cresce mais e mais a cada instante. Zonzozinho, com as coisas do quarto brincando de ciranda à sua volta, o doente demora a vislumbrar umas gotículas de sangue que pingam aqui e ali, como gotas de um princípio de chuva.

Apesar do seu estado lastimável, o senhor Raul ainda põe toda fé no seu propósito. Crê, esperançoso, que o pior já passou, que agora ele está de pé, firme e seguro à borda da maca, e isso é prova incontestada do vigor da sua saúde. Acontece que um imprevisto descerá como um machado sobre ele e romperá de vez com o possível sucesso do seu plano. Porque assim, de pé, firme e seguro à borda da maca, este homem débil compreenderá enfim que não é dono de força nenhuma, que é incapaz até mesmo de um único passo, de um passo apenas, e que daqui, desta saleta de hospital transformada em UTI improvisada, ele jamais sairá sem o arrimo de um cúmplice.

Prontamente, ele cogita que será preciso alterar a estratégia do plano, que o cúmplice do qual ele necessita não poderá ser outro senão o filho que dorme ali ao lado, prestes a acordar para o que bem poderia ter sido um sonho, mas que não é. E, deste modo, percebemos que o plano original do senhor Raul era deixar Antônio ali, adormecido, enterrado num escuro de mau descanso, e sair sozinho deste hospital em passos firmes que assinalariam toda a integridade da sua capacidade física. Agora terá de acordá-lo e convencê-lo do impossível, convencê-lo do improvável, convencê-lo de que aquilo não é um sonho.

O doente, mesmo num princípio de trespasse, compreende o fracasso óbvio do seu intento, prevê o futuro insucesso do seu plano, todavia não pode ir adiante com seus próprios pés, tampouco pode retroceder com suas próprias forças e voltar a se deitar na maca. Debilitado como está, a única saída plausível é mesmo acordar Antônio, porque se não o fizer já, agorinha mesmo, presente que logo menos desabarão ao

chão como uma coisa desfalecida e acabada. Filho, ele chama, quase num sussurro. E se vê tão privado de forças com esse mínimo esforço, que resolve chamar novamente, desta vez num quase grito. Filho.

Antônio emerge de imediato das sombras do sono, assustado, atordoado. Tarda todo um tempo distinguindo o que poderia ter sido um sonho e o que é de fato real, absurdamente real. O pai está ali de pé, é certo, mas não poderia estar. Está nu, sem a máscara de oxigênio, despido dos sensores cardíacos, o braço livre do acesso que lhe introjetava as drogas. Mas como? – pensa, todo atarantado. Percebe também que o homem está molenga, mal se mantém de pé, macambúzio, feito bêbado em porta de bar, e que se não o amparar rápido, ele vai ruir como um prédio demolido.

Ao agarrar o pai pelos ombros, Antônio desperta de vez e se põe a ajuizar o que ali se passou enquanto dormia. Não evita a pergunta. O que aconteceu? A palavra “pai” por pouco não figura ao fim da interrogativa, mas o filho ainda não aprendeu a pronunciá-la com a costumeira naturalidade. E a boca frouxa do senhor Raul, articulando mal e mal as palavras cansadas que forja, responde. O doutor, filho, o doutor esteve aqui enquanto você dormia, me examinou e tudo, deu alta pra mim e pra você também, faça as nossas malas e vamos embora. É o que o doente assevera, tentando dar à voz um tom de impossível serenidade. E, ao ensaiar um passo, bambeia, faz menção de se amparar na maca, mas dá um impulso para a frente e se abraça a Antônio, que o soergue com dificuldade enquanto grita pelas enfermeiras.



CONTATO
FEIJOUNE@YAHOO.COM.BR





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em novembro de 2022.
